

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 1\$000 reis
Com estampilha (anno) 1\$200 reis
Para fóra do reino accresce o porte do correio.
Anunciam-se obras litterarias remettendo-se dois exemplares
Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composição e impressão—Typ. do OVARENSE
—* Rua da Graça—OVAR *

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna
Anuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis
Anuncios permanentes, contracto especial
Os srs. assignantes tem o abatimento de 25 por cento
Preço de cada jornal avulso 20 reis

A redacção do REGENERADOR-LIBERAL envia boas festas aos seus assignantes, leitores, collaboradores e amigos

E aos que demoram longe da Patria em terras de além-mar, como:

Na Ilha da Madeira—Joaquim Pinho da Cruz.

Lourenço Marques—Alfredo Prazeres.

Pará—Manoel Rodrigues de Oliveira, Amadeu d'Oliveira Ramos, Antunes e Carvalho, David Rodrigues da Silva, Francisco Lopes da Silva, José de Jesus e Silva, M. R. da Graça e C.ª, Manoel de Sousa Ribeiro, Antonio Gomes da Silva, Francisco Fernandes de Sousa Villas.

Mandós—Albino Alves da Cruz, Gaspar Alves da Cruz, João d'Oliveira e José Francisco Herdeiro.

Rio de Janeiro—Agostinho Afonso Machado, Francisco Marques da Silva, Fernando Vieira Leite, João Silveira, Joaquim Maria d'Abreu, Luciano Silveira, Manoel d'Oliveira Lopes Pinto;

e assim auzentes de suas familias buscam recursos para uma vida mais desafogada e feliz, desejamos-lhes o novo anno cheio de prosperidades, acalentado pela fagueira esperança de, dentro em breve, voltarem ao seio dos seus.

Que fará a camara municipal d'aqui para o futuro aos 20 contos de renda que recebe todos os annos?

Continuará como até aqui? a não fazer nada com elles e a gastal-os em obras que NINGUEM vê?

É preciso que esteja todo o povo d'Ovar, d'atalaia sobre o que fará a camara de vinte contos que recebe por anno.

Vinte contos é dinheiro; pois bem: appareçam obras.

O municipio dá o seu di-

nheiro à Camara para que esta o dote com obras de que está carecido.

Vamos: obras!

Covardia

Tem sido uma vergonha pela sua covardia o partido republicano d'Ovar.

Elles, os seus *homens*, surgiram ahí com uma arrogancia, que esmagaria com o seu peso o proprio Catao.

O primeiro n.º da «Patarata», seu orgão na imprensa local, revia um furioso hyper-catonismo.

Elles promettiam, em palavreado, uma inquebrantavel e rigida intransigencia com tudo que representasse má administração, desleixo, incuria, abuso.

Diziam-se armados e dispostos a lutar.

A sua coragem e vontade de organizar uma nova cruzada pelo bem da nossa terra, pareciam brotados da desbordante taça de males de que infermavamos e retemperados nas agruras do soffrimento, que nos tornava incapazes de todo o progresso moral e material.

Não pretendiam para breve o poder a fim de, mediante elle, pôrem tudo isto a direito. Nada d'isso!

O que, porém, haviam de fazer já, custasse o que custasse, era exercer rigorosa fiscalização sobre a nossa vida municipal.

Fiscalisar! Elles diziam-se a honra, a verdade, a justiça insobornavel! Foi por isso que se attribuiram o papel de fiscaes dos que não faziam (sic) bagagem d'aquellas excelsas virtudes, os monarchicos.

Não tinham forças para escalar o poder; mas lá competencia moral de fiscalisar ahí chegou. Resolveram, pois usar do que tinham.

E assim (admirem em resumo a sua obra!) nas primeiras eleições que houve, elles ahí se postaram à bocca das urnas n'uma ridicula e ingloria otheadella às listas monarchicas que, desesperadamente para elles, de todos os lados choviam.

Depois descaçaram sobre os louros colhidos, por algum tempo, até que lhes constou que na igreja paroquial d'Ovar era ministrado às creanças o ensino da doutrina cristã. E elles ahí vão na sua angusta missão de... fiscaes. Entram, olham e observam que era o Abbade que assim attentava contra a intelligencia e liberdade das creancinhas.

E de lá voltam açodados e rubicundos de indignação a queimar escurvas contra o digno Abbade e a reacção na sua fumarenta lamparina, conhecida pelo suggestivo epitheto de *Patarata*.

E feito isso e outras proesas de egual tomo, eil-os entregues a nova

somneca para retemperar as forças que os habilitassem a metter-se em novas andanças, quando soasse a hora.

E a hora soou um dia. A semelhantes fiscaes nada escapal!

A escola salesiana e as praticas dominicaes de um, já agora fallecido clerigo, foram julgadas impecilhos, desde um certo momento, da boa administração e desenvolvimento d'esta abençoada terra de vareiros! Poderia uma coisa assim ser tolerada por um soffrivel animo de patriota?

De modo algum!

E'crasons l'ennemi!

Fiscalise-se a escolal disseram logo, e bordoada nas sermonatas!...

E elles então, sempre à farpa, nos bancos onde os meninos de fundilhos bipartidos tomavam as suas lições, passaram os narizes fiscalisantes e cravaram as suas vistas de Argus, e na *Patarata* fizeram rebentar hostis petardos, pisados não pelo martello da justiceira verdade e imparcialidade, mas por um outro que o fanatismo ou espirito de seita faz empunhar aos seus proselitos.

Mas no afan do seu alto mister que farejaram elles mais?

Oh! cens! Uma coisa gravissimal! Descobrem que os sermões da associação do Coração de Jesus em Ovar, eram annunciados em bilhetinhos redigidos sem grammatica! Upal que assim pozeram remate à sua corda de gloria de fiscaes!

Mas não é impunemente que se descobre um caso d'estes. O arcaboço mais vigoroso fica extenuado, sem forças para uma temporada.

E d'então para cá o partido republicano d'Ovar, sentindo esgotadas as suas energias, não tem fiscalisado mais nada.

Tambem cremos ter elle feito o bastante para que todos vejamos o que elle vale e o que elle faria, se em má hora lhe confiassemos a direcção d'este desgraçado municipio.

Mas notem em que ficaram as suas promessas! A sua intransigencia converteu-se na maior subserviencia, a rigidez dos seus principios na mais completa cumplicidade. Ovar tem melhorado, tem progredido alguma coisa depois que ahí se implantou o partido democratico? Não.

Isto tem ido de cada vez a peor. E que tem feito os republicanos na sua missão de fiscalisar? Têm-se calado, tem transigido com tudo. E, quando às vezes esboçam um protesto, fazem-n'o frouxa, timida, covardemente, para inglez ver!

Coragem tem-n'a apenas mostrado contra os pequenos, contra os que estão fóra do poder.

Os desleixos e crimes da administração, fazem que os não vêm, dão-lhes pouca importancia, depõem perante elles o seu papel de fiscalisadores. E' mais comodo, é mais prudente, concordamos.

E não será tambem e principalmente grande covardia?...

E' por isso que nós affirmamos no principio d'este artigo que vem sendo vergonhoso o modo como se porta o arrogante partido republicano.

A chefia do partido regenerador-liberal

A' comemoração do 1.º anniversario da investidura do sr. conselheiro Vasconcellos Porto, na chefia do nosso partido, dedica o nosso presado collega d'imprensa «Diario Illustrado» o seu artigo do fundo (encimado com o retrato do nosso prestimoso chefe) com 3 columnas de prosa, onde resalta d'uma maneira clara e positiva (digamos sem vaidade) o irrefutavel espirito diamantino e preponderante de sua ex.ª na vida politica do nosso paiz.

Após os tragicos acontecimentos de fevereiro de 908 que deram causa ao nosso glorioso ex-chefe, conselheiro João Franco, abandonar de vez a politica activa do seu paiz, com a consciencia de ter cumprido o seu dever de presidente do reino, para a regeneração da sua patria; mas com o coração alanceado (não de remorsos como essa fradulagem para ahí vocifera constantemente, e inconscientemente) mas de saudade pelo seu Rei e seu estremecido principe, e pela desoladora certeza de não poder libertar o seu paiz amado, da pugna malevola que tem feito do reino paiz conquistado e dos cofres publicos e mealheiro das suas ambições partidarias e pessoases.

Foi effectivamente n'uma epocha muito critica que ao nosso ex-chefe conselheiro João Franco, succedeu o tambem valioso homem de prestigio conselheiro Vasconcellos Porto, nosso actual chefe politico.

São até ao ultimo ponto sentatas as palavras do nosso presado collega da capital «Diario Illustrado», quando affirma «que do partido regenerador liberal restavam parcelas dispersas, como nucleos de tropas que acabavam de ser vencidas n'uma longa e sangrenta batalha».

Assim succedeu, mas esse esmorecimento foi passageiro, teve curta duração, porque com a nova chefia do partido, e com a pertinaz e lucida intelligencia do nosso presado chefe, conselheiro Vasconcellos Porto, esses nucleos reuniram-se novamente com maior força de vontade ainda, não sendo para ninguém hoje motivo de surpresa o incremento prodigioso que vae tendo o nosso partido.

As mensagens que d'um e d'outro ponto do paiz estão sendo constantemente entregues ao nosso prestimoso chefe, cujo valor politico ninguém ousa contestar, são uma prova irrefragavel das sympathias do nosso chefe conselheiro Vasconcellos Porto, por si, e pela arreigada convicção em que todos

estão que está no crêdo politico em que militamos com amor e denodada dedicação, a salvação e resurgimento de nossa patria.

Tarde ou cedo, pouco importa, o nosso partido será governo, nem outra solução se pôde esperar, pois que o partido regenerador liberal é um partido de ordem, moralidade, tolerancia e valiosos planos governativos, e de honestissima administração dos dinheiros publicos; é um agrupamento numeroso que não alberga em si a febre do mando e de figura a que não tenha o direito inquestionavel.

O paiz ha de reclamar-o, e é n'essas condições de verdadeira gloria que o nosso partido irá presidir aos destinos d'esta patria.

As constantes traições que tentam os nossos adversarios, tem esbarrado d'encontro à organização forte e inquebrantavel da nossa força partidaria, e os frouxos ataques de que somos alvo, são outras tantas glorias para a victoria derradeira, que terá por base o concurso de todo o grande partido regenerador liberal e por pedestal a figura proeminente e preponderante do nosso querido chefe politico, conselheiro Vasconcellos Porto.

Felicitando sinceramente pelo primeiro anniversario da sua chefatura, sua ex.^a o sr. conselheiro Vasconcellos Porto, igualmente felicitamos todo o partido regenerador liberal.

Pombal.

J. Amorim Pessoa.

De binoculo

Aqui ha duas semanas a «Patria» republicana fazia apostolado *ensinativo* (até já vamos lançando mão dos adjectivos nephelibaticos do orgão democratico) sobre a missão escolar republicana pelo methodo da pedagogia moderna, que é como quem diz, pelo methodo do Martyr de Barcelona.

Annunciava com espavento a vinda a Ovar d'um dos *tarrumphos* da Demagogia portugueza, o sacristão do convento Democratico, encarregado pelo abbade da congregação jacobina de fazer a missão no norte de Portugal.

Devia o dr. Luiz Gomes inaugurar, na phrase pittoresca da «Patria», a *missão escolar*.

Lida a estupendissima noticia, percorremos os jornaes com mira de acharmos annunciados comboios especiaes de volta e vira e a preços reduzidos para levar a Ovar todos os *illustrados* que quizessem admirar a conferencia do illustre demagogo!

Nada! Não havia comboios especiaes, e o dr. Luiz Gomes viu-se como peixe fora d'agua por falta de *illustrados* a quem prégar! E forte!

Os *illustrados* de fóra não poderam ir; os *illustrados* d'Ovar ficaram-se a jogar o «Domino» e a «bugalhinha» do quino!

A «Patria» de quinta feira vem arreliada com esta falta de respeito.

Vir o dr. Luiz Gomes a Ovar e vêr-se obrigado a impingir o

sermão, rebatido mil vezes nas diversas missões, a meia duzia de ouvintes!

Bem razão tem a «Patria» para prégar contra a falta de instrução que reina em Ovar!

Mas d'aqui a alguns annos, sob a influencia benéfica do ensino modernista ministrado na *Missão* aos meninos e aos adultos, as cousas não correrão assim.

Ha-de ser uma consolação assistir a um exame de *historia* feito pelos *novos* meninos!

Os examinadores da Escola moderna, que os ha-de haver e bons, farão estas perguntas aos meninos das dictas escolas modernas:

—Diga-me, meu menino, quem matou, no seculo das luzes S. Ferrer?

—Os padres!

Muitissimo bem! Diga-me mais, quem mandou para a Africa o innocente e honrado Leandro?

—Foram os padres!

Ora isto é que é! Muito bem! E quem lançou fogo a Roma no tempo de Nero?

—Foram os jesuitas!

Assim mesmo. Bem se vê que sabe, e sabe muito bem!

Diga-me mais meu menino: quem foi que entrou na conspiração do regicidio do Rei D. Carlos e de seu filho?

—Foram os jesuitas e franquistas que forneceram *armas* e *capotes* aos assassinos!

A Issol issol! Anda muito bem! Depois, o presidente do jury, pega nos oculos, fal-os montar no cavallete da infecção... d'orelheiros, abre o programma e diz para o outro vogal: queira interrogar V. Ex.

O menino voltar-se-ha para o seu novo examinador, e com os olhos espetados na phisionomia do pedagogo aguardará a pergunta.

O *magister*, cofiará a péra longa á Affonso, ensaiará uma pergunta de effeito.

Ora diga-me cá, meu menino, quem creou a terra?

—A terra... a terra creou-se a si mesma.

Não percebo bem o que o menino pretende dizer.

—A terra é feita de materia, e o meu professor diz que a materia não foi creada por ninguem.

Sim senhor, respondeu como um sabio, isso, isso, issol!

Mas então Deus o que fez?

—Deus não fez nada!

—E quem é Deus?

—Deus!!! Deus é uma invenção dos padres!

Bravo! Tem andado muito bem!

Ora a escola modernista faz assim *sabios* os meninos.

Dos adultos, basta ler a «Patria» para conhecermos as *sabedorias* da modernice.

Para elles nem ao menos existe Christo, porque um dia dêra na cabeça a um mentecapto dizer não já que Deus era uma abstracção do espirito, mas que até a Pessoa de Jesus, nascido na Palestina, nunca existira.

Emilio Bossi, que escreveu uma brochura que não chegou á voga d'uma *pachochadae* que, segundo a «Patria», *tão grande voga teve entre nós*... não passa d'um ridiculo e d'um asno de primeirissima força de que todos, que sabem ler, se mordem de riso.

Quando nós tivermos uma bibliotheca em Ovar e muitos leitores que leiam pela cartilha de

Emilio Bossi no que diz respeito o Jesus, então teremos conseguido, como quer um articulista do burgo «um dos mais lisonjeiros e estimulantes aspectos do avance idiatico local».

Oxalá pois que a bibliotheca traga «consequencias marcantes de potencial progressista»; e presentemente irá ficando a «Patria» contente pelo reclame que fazemos á sua grammatica.

O artigo de *Fundo* denominado «Um bom trabalho» é o fructo mais supinamente maduro que os nossos olhos de peccador tem visto em caracteres typographicos.

A «Perola» jornal charadistico tão distincto na sua arte de decifrar, poria o topete em agua se se impozesse o trabalho de pôr em pratos limpos aquelle enygma.

Verdade, verdade, não podemos perceber que ideia se faça do povo da nossa terra, escrevendo para publico trabalhos inqualificaveis como aquelle «Um bom trabalho»!

Parece que a «Patria» está a chuchar com a tropa e a fazer uma ideia muito mesquinha da intelligencia dos seus leitores!

O que salva o artigo, é o espirito bom do assumpto importantissimo de que a «Patria» se fez echo, a fundação d'uma bibliotheca.

Se não fóra isso, *Um bom trabalho* deveria ser amarrado ao pelouro d'uma transcripção para admiração dos povos... e dos charadistas!

Frei Lucas.

Coisas do concelho

HOSPITAL

Causou sensação no nosso meio vareiro o artigo do nosso distincto collaborador Antonio Seixal. Mas se este nosso distincto amigo visse o que a commissão regeneradora liberal viu, ao tomar conta do municipio, acrescentaria a esse punhado de verdades amargas mais d'outras tantas.

Saiba, pois, Antonio Seixal que fomos encontrar dejeções por baixo das camas dos doentes, uma pocilga com dois leitões nos baixos do hospital; mais adeante sob as escadas de pedra, de accesso á cosinha, uma forja, funcionando diariamente; a cosinha uma verdadeira enxovia; ao lado d'esta e entre a enfermaria dos homens uma latoaria, onde trabalhava um operario, batendo folha constantemente; emfim um horror!

Os doentes passavam fome. A commissão mandou fazer limpeza immediatamente e a casa em que estava funcionando a latoaria mandou—depois dos devidos reparos—transformal-a em dispensa. Mandou collocar uma meza com uma balança e respectivos pezos, para serem pezados todos os artigos recebidos dos fornecedores e na mesma dispensa mandou fazer um armario com portas de rede miuda para guardar os generos para as diferentes refeições.

No consultorio não havia cadeira para o medico de serviço, nem cadeiras para os doentes e nem lavatorio, objectos que se mandaram comprar e collocar.

Roupas, taes como lençoes e

cobertores para enfermos, uma verdadeira miseria!...

Tudo miseria e só miseria!

Pois quê? Já alguém viu n'outras partes desleixo equal? Municipios, muito mais pobres que o nosso, orgulham-se de mostrar a sua terra a estranhos. Aqui... envergonhar-nos-hiamos.

Custa termos de fallar assim da nossa terra; mas isso são factos que é preciso dizer para evitar que se repitam.

Olhem todos para essas ruas da villa como estão; essas estradas municipaes! O leito da rua da Fonte está intransitavel e agora n'esta mesma rua nasceu mais um loco de mau cheiro. Lembrou-se um mercantel de sardinha d'ir ali estabelecer um armazem de pescado, canalizando para a rua as aguas putridas. Dizem-nos que ha reclamação dos visinhos na camara, mas a Excellentissima não vê, não ouve e não tem olfato.

Até quando a sua criminosa incuria?

Echos de Vallega

Embora tardiamente, vou hoje referir-me a um facto que, ha precisamente um mez, se deu na capital d'este nosso districto, tão fecundo em celebrações notaveis e acontecimentos anormaes.

No dia 24 do p. p., do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1909, abalou de Lisboa para Aveiro o eminente correligionario republicano-dissidente dr. Egas Moniz! Não sei por que acaso, s. ex.^a chegou ao seu destino sem avaria alguma. Não assim, porém, quanto ás decepções que soffreu.

Logo ao embarcar no Rocio, ainda mal desembaraçado dos braços dos seus *intimos*, lhe apparece um garoto de jornaes, apregoando o ultimo numero do «Povo d'Aveiro». Sua ex.^a que julgava o sr. Homem Christo incapaz de lhe dirigir um remoço, ainda que innocente, mas capaz de o elevar aos cornos da lua, preannunciando-lhe a sua famosa conferencia, conjunctamente com a narração dos factos mais estupendos da sua vida, excepto o 28 de janeiro e mais algumas questões, que destoariam de tão insigne personagem! lançou avidamente mão do jornal-chicote (para os republicanos e comandantes) soffregamente o percorreu de fio á pavio, sem que sob a alçada de seus olhos cahisse o sonhado annuncio.

A uma canto obscuro, porém, de periodico, como trapo que se arremessa para o lado, enxergou sua ex.^a o seguinte: «Segundo consta, virá no proximo domingo a esta cidade o emboudador d'este districto, Egas Moniz, que, ponde em jogo mais uma vez as suas habilidades de trapaceiro, conseguirá illudir o clero, nobreza e povo! Forte descaramento o do revolucionario de 28 de janeiro!»

Sua ex.^a cahiu das nuvens e o seu primeiro pensamento foi voltar atraz e collocar aos hombros a sua espingarda de 28 de janeiro para primo actu, ao chegar a Aveiro, buissar o Homem Christo.

Ao chegar á estação de Coimbra, deitou sua ex.^a a careca de fóra para receber a estrondosa ovação que, segundo o seu devaneio, lhe devia ser feita pela briosa classe academica; mas, ô desillusão amarga, nada se ouvia e ainda menos se via na gare da tradicional estação coimbrã, teatro de tan-

OS SINOS DO NATAL

A TARDE de 24 de dezembro d'aquelle anno arrastava-se fria, humida e chuvosa.

O povo passarinhava nas ruas da cidade, fazendo as ultimas compras para a festa do Natal. Nas vitrines das pastellarias as lampadas electricas banhavam um mar immenso e alcantilado de doces, de fructas seccas, bombons que aticavam o estomago lambareiro de todos os que passavam. E os bazares e armazens de quinilharias despejavam, para os passeios das ruas, individuos encapotados e apressados, que ali iam sortir-se das espadas, dos carrinhos, bonecas, caixas de musica, tamborsinhos que levavam, embrulhados debaixo do braço, e que o menino Jesus viria pendurar nas barras das camas dos bebés ricos.

Quantos sapatinhos velhos, postos na noite do natal sobre o fogão da salla, não amanhecerão, cheios de soldadinhos de chumbo?

E n'esta noite de confortos, n'esta noite de familia, de regalos e felicidade domestica, tiritando de frio, mal comido o mal vestido, um pobre rapaz, descalço, mirrado e triste, com os grandes olhitos pretos, marrava, como um perdieiro, uma montanha de pasteis que, engaiolados n'uma montra luminosa e phantastica, se riam e zombavam do estomago do faminto rapazinho.

D'aquelle engano d'estomago ledo e cego que a desgraça não deixa durar muito, o veio tirar o encontrão brusco d'um transeunte apressado.

O rapazinho, voltando á realidade da vida, apalpa um pequeno bahú, cheio de caixas de phosphoros, e continúa a sua vida d'amargura:

— *Phosphoros de cêra! Quem quer phosphoros!*

As mãos roxas de frio á brisa gelada d'aquelle anoitecer de dezembro, mal sustinham o bahúsito de latão; os pés enturpecidos, como a caridade dos homens, patinhavam sobre poças d'agua e lá iam levando aquelle corpo por todas as ruas e bécas da cidade:

— *Phosphoros de cêra! Quem quer phosphoros!*

N'aquelle dia não vendera uma caixa, nem ganhára cinco réis.

Estava já nos confins da cidade e nem sequer olhava para traz, onde vira tantas cousas boas, onde ficára a noite do natal em companhia dos felizes do mundo.

Ia para casa, e d'alli ao arrabalde, onde morava, levariam quasi duas horas.

Poz-se a deitar contas á vida! Que lhe diriam em casa?

Orphão, sem familia, nunca tivera pae, e a mãe já dormia o somno dos mortos no cemiterio. Aquella folha secca lá ia empurrada pelo vento do destino, sem outro carinho que as estrellas do ceu, sem outra companhia que a chuva d'aquelle dezembro asperimo!

— O meu patrão ralhar-me-ha, talvez me bata e, quem sabe, não terei n'esta noite de consoada uma côdea negra lá em casa para matar esta fome que me persegue!

Oh! que felicidade, se minha mãe fosse viva! Mesmo na nossa

pobreza, teriamos lume na lareira, castanhas e talvez uma boa ceia!

E poz-se a chorar. Estava já a uma legoa da cidade, e as pernas fraquejaram; abeirou-se do portal velho d'uma córte de lavrador.

Reinava o silencio ali, como lá dentro, na cosinha, reinaria a abundancia e a felicidade...

Os grossos pingos d'agua que gottejavam da ramada, obrigaram-n'o a cozer-se mais com o muro e sentou-se n'um banco toco de pedra que servia de contraforte á parede.

Julgava-se á lareira, ao lado da mãe. Poz-se a estender os pés para o lume, a sentir a doce influencia do calor e da commodidade confortavel d'uma cosinha; mas a chamma apagou-se, a chuva continuava a cair-lhe nos pés, e nas mãos ficava-lhe o resto do phosphoro encantado!

Accendeu segundo. Viu-se dentro d'um palacio, sentou-se á meza e um Perú enorme, assado, ergueu-se da travessa, saltou por cima dos crystaes, quebrou porcelanas e correu para elle. O rapa-

do effectivamente o mais fagueiro sonho que as creancinhas costumam ter nas noites do natal.



Com a cabeça loira, em desalinho e mal cuidada, entre as mãos, poz-se a recordar os dias passados no regaço da mãe que Deus lhe levára para o céu!

Os pés, cheios de frieiras, inquietavam-n'o; as mãos sujas e inchadas, estavam regeladas como torrões de neve.

E se accendesse um phosphoro para se aquecer?...

— Oh! se eu pudesse tirar um phosphoro, accendel-o na caixa e aquecer estes dedos de gelo!

Accedeu um! Ah! como era bonita aquella velhinha de cêra, de chamma clara como os seus pensamentos, acariciadora como a imagem de sua mãe!

Perpassa-lhe no cerebro um tropel de sonhos cor de rosa e oiro, sonhos magicos e phantasticos como os contos das *Mil e uma noites*.

sito ia agarral-o... mas o phosphoro apagou-se.

Ficára outra vez debaixo da ramada a ouvir o cantar da chuva e o cair das suas lagrimas!

Accendeu ainda terceiro phosphoro!

Sonhou, porque adormecera, e ouvia o repicar festivo dos sinos na igreja da sua terra, chamando o povo á missa do gallo. Julgou entrar na igreja, vêr um throno cheio de vellas e flores e lá em cima n'um bercinho d'oiro e marfim o menino Jesus, muito risinho, rodeado por um bando de pombas brancas; e fóra, na torre da Igreja, um esvoaçar doido de azas de anjinhos que tinham vindo do céu repicar os sinos do campanario!

O phosphoro apagou-se ainda, e sobre a pedra fria e molhada, dormia o pobre rapazinho, sonhan-

No velho solar do Conde Larmarão a noite do natal fóra amargurada como a solidão d'um cemiterio. Viuvo e só, era o primeiro anno que o conde passára a noite do natal sem o calor da familia e sem os aconchegos do lar. O fogo dos seus ricos fogões era frio como a neve, e o banquete requintado da noite d'aquelle natal não tinha sabor na bocca do fidalgo.

Sósinho á meza, sem outra companhia além da cadeira onde a condessa se sentava e que Deus lhe havia roubado no tempo mais feliz da sua vida, estava o infeliz fidalgo. A morte da esposa dera existencia a um filhinho que adorava com todo o amor de pae e com todos os caprichos da riqueza.

Mas o filho fugira atraz da mãe e agora estava alli aquella sombra da felicidade, sentado entre os dois logares vagos em que a morte o collocou!

Vivia a vida d'um monge regrado, não saindo dos muros da sua quinta, esfriando as relações dos seus amigos, lendo, estudando, queimando as horas no aprofundar da sciencia e da philosophia. Era agora um desilludido e um philosopho!

Na noite do natal teve tambem um sonho ideal e phantastico como os sonhos infantis do vender de phosphoros.

Todos os anjinhos do céu, com azas de seda e arminho, vinham em bandos, repincar os sinos da velha igreja, chamando o povoado á missa do gallo. O seu filhinho lá vinha tambem, na legião dos anjinhos. Accordou, e elle que nunca crêra em anjos e nunca entrára n'uma igreja, manda apromptar o carro e parte para a missa do gallo.

As lanternas do trem, descobriram o corpo franzino do vender ambulante de phosphoros, deitado nas lageas geladas do muro.

Pára o carro, o fidalgo desce, toma nos braços o corpo inteirido do orphãosinho e as lagrimas quentes do conde galvanisaram aquelle cadaver, evocando-o á vida da resurreição!

E nas ruas da cidade nunca mais se ouviu a voz do rapasito:

— *Phosphoros de cêra! Quem quer phosphoros!*

O conde fizera-o seu filho.

E n'aquelle anno os sinos do natal abriram as portas da igreja a um descrente e fecharam as portas da miseria a uma orphanidade.

FREI LUCAS.

Menino Jesus

Amantissimo Jesus!
Homens e bois te adoraram,
E mais tarde, n'uma cruz,
Homens te martirisaram!

Vinte seculos depois,
O homens não melhoraram
E ainda são mansos os bois...

João Saraiva.

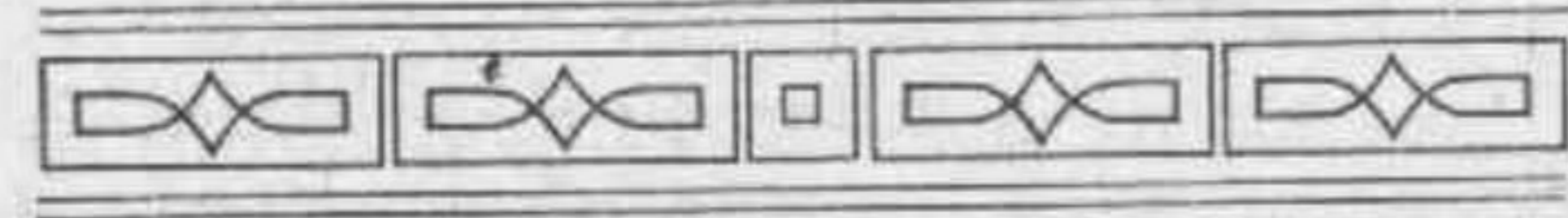
O NATAL NA COSINHA

Bem escura, bem ventosa, bem fria fria e humida surjas tu sempre, noite de 24 de dezembro, que melhor então se avaliará pelo contraste a luz, o calor, o concheço dos lares, e mais intimos se estreitarão os circulos da familia em roda da ceia patriarchal.

E vós todos a quem uma moda tóla não constrangeu ainda a abandonar os habitos que de pequenos contrahistes, e festejaes ainda o natal de Christo, segundo o estylo velho; continuas a manter genuinas esses costumes nacionaes, que não resultará d'ahi desdouro para o vosso nome ou brazão. A roda da civilização, a que applicaes hombros com tanto denodo, não se cravará por isso. Po-deis, elegantes meninas, cantar lóas sem escrupulo diante do presepe armado na sala mais intima da casa, que nem por isso cantareis peor na das visitas as arias italianas, que aprendestes no collegio; não córeis de colaborar, por excepção, n'esta noite nos mesteres da cosinha, que sobra de agua de colonia e perfumes tendes no toucador para as abluções purificadoras.

JULIO DINIZ.

(A morgadilha dos cannavaes, 1 vol, pag. 207).



JESUS

N'uma serena tarde memoranda
A sua bocca de maguadas linhas
Disse esta phrase commovente e branda
«Deixae-as vir a' mim, as creancinhas».

E nunca se apagou a vibração
D'aquelle doce e carinhoso appello.
Chega o Natal e as creancinhas vão
Maravilhadas, a beijal-O e vèl-O...

E o bom Jesus, cuja tristeza ingente
Lhe ensombra no Calvario o rosto fino,
Para attrahil-as mais mais suave
Desce da Cruz e torna-se menino...

Augusto Gil.



A festa do Natal

Em toda a parte do mundo as festas mais populares, e de maior regosijo publico, são as festas religiosas,—e para os dias d'ellas se guardaram, ou confundiram, os restos das antigas festas do paganismo. Assim vemos, por exemplo, continuadas nas festas do *Natal* as festas de *Jul* dos antigos povos do norte da Europa, cantadas nas sagas da Escandinavia.

E no nosso Portugal sempre estas festas do *Natal* se celebraram com representações sagradas, até nos claustros, e mesmo dentro dos conventos de freiras.

Os presepios tão vulgares entre nós, e em que muitas vezes grande ostentação se fazia, manifestam a grande popularidade e o caracter d'esta festa.

Ora o povo entregue ao regosijo nocturno, excitado pelos repique de sinos, que o attrahiam á missa chamada do *gallo*, para onde piedosamente concorria ao som da cornamusa celtica ou gaita-de-folle (instrumento identificado com as festas do *Natal*),—o povo, que tinha jejuado, e que por noite fria, e quasi sempre chuvosa

fôra assistir áquelle santo sacrificio, de que tomara ampla refeição, lembrava-se depois, e bem naturalmente de *comer*, de *consoar*.

Mas em occasião de tamanha alegria o povo não devia comer coisa semelhante ao que come nos outros dias:—d'aquí, a invenção dos bolos de farinha, da massa sovada, das boroas de milho (entre nós), do *Christmas porridge* (em Inglaterra) etc.

Vinham depois as praticas de piedade.

Assim nos Açores, por exemplo, usavam (ainda ha pouco) metter no lume, á meia-noite, um pau de arvore, cujo nome devia ser masculino, a que chamavam *trafegueiro* (*), e que, depois de queimado um pouco, retiravam da labareda, e guardavam religiosamente para se queimar de novo em occasião de temporal (como vela benta, em tempo de trovada) crendo piamente que por virtude d'elle seriam salvos os que então corresse perigo sobre as aguas do mar...

Já lá vão os santos tempos do entusiasmo festivo d'esses dias de gloria christã. N'esta nossa quadra de malicia e requinte de costumes, abrem-se os salões dos bailes em vez das portas dos templos; o sorvete substitue as boroas, e a *polka* toma o lugar da *missa do gallo*.

SILVA LEAL.

(Revista Universal Lisbonense).

(*) Em Ovar, é costume pegado em muitas familias, o uso do «cepo do natal», tambem com «virtude em occasião de trovoadas».



Réjouis-toi! C'est Noël!

Réjouis-toi! C'est Noël, prolétaire!
Lève ton front qu'ennoblit la sueur,
Reconnais-moi: je suis ton Dieu, ton frère,
Ton compagnon de peine et de labeur.
En cette nuit, dans ton humble chaumière,
J'ai voulu naître et t'apporter mon ciel;
J'ai, pour t'aimer, revêtu ta misère,
Réjouis-toi, travailleur, c'est Noël!

Réjouis-toi! J'ai connu ta détresse...
Si tes enfants dorment dans un taudis,
Rappelle-toi que jadis ma faiblesse
N'eut pour lit que la paille des brébis.
J'ai dédaigné les grandeurs, la richesse;
Ta pauvreté m'a nourri de son fiel;
Auz délaissés, j'apporte ma tendresse...
Réjouis-toi, miséreux, c'est Noël!

Réjouis-toi! J'ai porté ta souffrance!
Va! si parfois tu faiblis sous sa main,
J'eus aussi, moi, mon jour de défaillance,
Je suis tombé trois fois sur le chemin.
Crucifié, garde ton espérance,
Sur ton grabat, j'ai placé mon autel...
C'est la douleur qui fait la délivrance...
Réjouis-toi, souffreteux, c'est Noël!

Réjouis-toi, plèbe trop méconnue
De travailleurs, de pauvres, de souffrants!
Pour toi, la vie est noire, vide et nue,
Qu'importe! si tes fils sont mes enfants.
Si des plaisirs la porte t'est fermée,
Ta misère est la route de mon ciel...
De mes élus, les *Petits* sont l'armée...
Réjouis-toi, peuple choisi — Noël!

F. B.



O NATAL

Desce Deus a buscar o homem, e não sobre as azas da tempestade, ao estrepito dos trovões e ao fusilar dos relampagos, não ostentando a omnipotencia e a justiça, mas respirando só a doçura, o amor, e a confiança. Podia ter en-

carnado sobre um throno imperial e nascido no recinto mesmo do Capitolio, fazendo logo, ao seu primeiro vagido, cair das aras circunstantes os idolos a adoral-o e a desfazer-se; mas preferiu ser conhecido por uma palavra de amor no seio de uma virgem obscura, na poisada de um mechnico e n'uma escassa aldeia de um povo já decahido e sujeito aos dominadores do orbe, abrir os olhos entre as asperezas de uma lapa, ter por primeiros saudadores (antes dos reis e das nações) os pegureiros rusticos das cercanias, receber os primeiros dons (antes do oiro e dos perfumes, como soberano) o leite, os beijos e as caricias, como menino.

Tudo quanto a poesia de todos os povos pôde jámais fabular de gracioso e amenissimo, não chega nem por sombras ao ameno e tão gracioso d'esta primeira scena da verdadeira religião — scena que os pintores e poetas em vão teem forcejado por descrever, — que senhoreia unanimes os corações das turbas, que, até nos seios da alma do negador soberbo, dá suaves commoções.

A que região chegou nunca o lume da fé, que a noite do Nascimento do Auctor d'ella — não fosse ahi desfeita em jubilos, acompanhada e seguida por muitos dias de actos expontaneos e gostosos da piedade e fraternidade?

Vede-me todo esse Norte, — desviado sim, pelo erro, da estrada da fé que o pharol de Roma alumia, — mas ainda christão!

Por toda a superficie da Alemanha, da Rússia, da Dinamarca, a *noite do Natal* é a festa da familia e sobretudo da infancia.

Na sala de cada casa se levantou ás escondidas e a portas fechadas um pinheiro verde: dos seus ramos pendem os ovos doirados, os figos e uvas, passadas ao sol benigno das Hespanhas, os bolos frescos e crescentes por entre um cardume de luzes: aos pés da arvore contente e dadivosa uma alva mesa espera, não só pelos filhos da casa, mas tambem, e mais anciosamente, pelos do visinho pobre.

Bateu a meia noite: abriam-se as portas: entre o bando alvo-rogado. Cada uma d'aquellas mãsinhas candidas procura e acha o embrulho de papel de cór, ornado de laços, onde se lê o seu nome; desaperta-o palpitando, e extrae de dentro — este o pifaro ou tambor que mais tinha desejado — aquella a impluma da boneca de Nuremberg, que ficára sendo a sua filha, — aquell'outra, mais crescidinha, o anel resplandecente ou o lergo das côres que mais ama.

A arvore é logo após acommetida, e á porfia despojada de seus fructos, como uma cerejeira madura por um bando de estorninhos.

Um banquete geral e folgazão corôa a festa, que se prolonga por toda a noite, com saudes, cantares e danças.

Na Suecia vai ainda mais ostentoso o contentamento: — as cidades parecem transformadas em feiras, onde todo o genero d'essas bagatelas graciosas de que se compõe o thesouro infantil está por entre as lanternas reluzindo, e provocando a cubiça das creanças a quem n'esta noite benta nada é licito recusar-se; nos campos, o banquete hospitaleiro que se entenderá por muitos dias, aviventa a habitação do abastado, a choça aldeã do trabalhador, a officina

denegrada do ferreiro e o casal solitario do creador de vaccas.

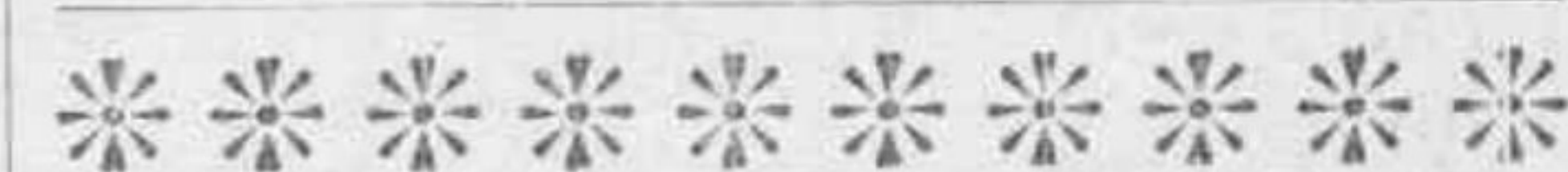
Na Inglaterra o convivio do Natal é a epocha das desejadas reconciliações dos parentes e amigos.

Mas os campanarios, desde os oiteiros de Roma até á ultima freguezia rustica dos paizes catholicos, desafinam com repiques, horas antes da invocada meia-noite. Todas as suas egrejas resplandecem de gala e resoam com musica; todas as poisadas dos fieis os aguardam, á tornada da *missa da meia-noite*, com banquete, quasi tão ritual, mais ritual para muitos, do que o jejum que o procedeu.

Das populares usanças e tradiçoes estylos do nosso bom Portugal, n'este despedir do anno, que deleitosas paginas se não poderiam ainda agora escrever!

E conviria talvez fazel-o, porque — n'estes capitulos não sem interesse, dos fastos populares, — cada dez annos que passam, riscam sempre algum paragrapho, que, uma vez riscado, nunca mais se rescreve, pouco e pouco se apaga, e não deixa de si nenhum vestigio.

Antonio Feliciano de Castilho.



O Menino Jesus

Quando inspirado artista reproduz
no «presepe» o menino recém-nascido
dá-lhe um riso, nos labios, resignado
e uns olhos, a scismar, de extranha luz

Que viu, pois, no futuro o bom Jesus?
O cordeiro de Deus, immaculado?
— um mundo a blasphemar, ensanguentado
diadema e sceptro — vis —, sudario e cruz

Viu — que lhe chamariam, algum dia,
uns — despota feroz e sanguinario!
outros — o «sans culots» da anarchia!

Elle! o nuncio do bem! o missionario
do fraternal amor, immaculado,
do olvido e dos perdões, no seu Calvario.

THOMAZ RIBEIRO.



NATAL NA EXTREMADURA

Natal da minha terra, como eu sinto immensas saudades de ti, d'aquelles bellos tempos de creança em que eu, com o coração cheio de esperanças e a alma desassociedade por tu tanto tardares, te esperava com impaciencia!

No duro penar da vida, após uma existencia atribulada, cheia de pezares e de maguas, eu alegro-me momentaneamente, ao lembrar-me de ti, dia por mim mais vehemente desejado!

Já lá vão bastos annos, mas, apezar d'isto, ainda conservo a memoria de todas as scenas d'então.

Por toda a casa se notava a azafama e cada qual procurava acabar a sua tarefa o mais breve possivel: Minha mãe começava, ao lusco-fusco, a trabalhar a massa das filhós que faziam a nossa gulodice predilecta; minhas irmãs mais velhas occupavam-se: uma a depennar o Perú, que nos havia de regalar, emquanto a outra batia a massa dos coscorões, misturando-lhe boccadinhos de casca de limão, que os tornavam mais apaladados e desejosos. A um canto minha irmãita mais nova brincava com as bonecas, de companhia com meu irmão, emquanto eu, traquina da casa, mordendo-me, co-

mo se diz na Extremadura, o bicho carpinteiro, passava o tempo fazendo diabruras, ora a um, ora a outro, rindo-me dos seus aborrecimentos e das suas zangas.

Meu pae entretinha-se jogando o «Dominó» com alguns amigos, á espera da hora em que podesse vir para a mesa consoar com toda a familia.

Por volta das dez começava-se cuidando dos fritos. Trez fogareiros ardião sobre a chaminé; n'um d'elles preparava-se uma excellente canja e nos dois restantes frigiã-se as filhós e os coscorões.

Como eu gostava então de ver estender a massa e dar-lhe diversos feitios...

Não me dava o somno em toda a noite e quando, depois do relógio ter batido a meia noite, nos íamos assentar á meza, estávamos todos, grandes e pequenos, tão espertos, como ao levantarmos da cama n'uma manhã de verão. Que santa alegria reinava então em toda a familia!

Como todos estávamos contentes!

Meu pae, espirito alegre e folgazão, contava-nos historias, muitas historias do seu tempo de rapaz, fazendo-nos rir a bandeiras despregadas.

Minha mãe divertia-nos com anedoctas que só ella sabia contar.

Nós contávamos as nossas tropelias de creanças e as nossas diabruras de rapazes. Como eu sinto saudades de ti, Natal da minha terra!

Os sinos do Seminario de Santarem tocavam a matinas, convidando os fieis a assistirem ao officio divino; lá íamos, depois da consoada, na companhia de meu pae, beijar o pé ao menino Jesus recém-nascido e só depois d'isto podíamos dormir, com o coração contente e cheio de reconhecimento para com o Deus que, por amor dos homens se fez homem também, nascendo mais pobre de que qualquer homem, sem ter sequer os confortos que nós tivemos ao apparecer n'este mundo, sem ao menos ter uma pobre faixa para se envolver e alguns pobres trapos para se cobrir. E nos nossos cerebros de creanças crusava-se um mundo de ideias que nós, os pequeninos, transmittiamos uns aos outros fazendo-nos mutuamente perguntas desarazoadas e dándonos simultaneamente respostas inconcebíveis, mas que os nossos cerebros infantís aceitavam sem repugnancia, tal o amor e o carinho que consagravamos ao Menino Deus recém-nascido.

No dia seguinte dormia-se até alto sol! Não esqueçamos, no entanto, os nossos deveres de pequenos christãos; lá íamos assistir á missa: meus dois irmãos e eu, levando cada um no bolso um vintem, que nossa boa mãe nos déra, para podermos fazer uma pequena offerta ao Menino Jesus que se encontrava no presepio. Voltávamos a casa e começávamos a nossa faina de caridade, santa escola em que meus paes procuraram sempre educarnos. Íamos por casa dos vizinhos mais pobres levar-lhes um prato de fritos, como dadiva do Natal; por toda a parte éramos recebidos com agrado e gratidão e quando recolhia-mos a casa estávamos satisfeitos conosco mesmos, bendizendo a Providencia que nos dera o sufficiente para vivermos arremediados, permitindo-nos fazer bem aos outros.

Almoçávamos com pouca von-



tade, mas, em compensação, reservávamos-nos para o jantar que corria sempre alegre e animado. Acabava-se de festejar o dia de Natal organizando um baile familiar em que tomava parte toda a gente de casa e alguém que de fóra tivesse conosco jantado; meu pae tocava guitarra, bastando-nos este unico instrumento para podermos folgar e divertir-nos... Bons tempos eram esses! Hoje, olho com saudade para o passado e entristeço ao pensar que já me não é dado folgar e rir como então...

Já não tenho pae; já não posso ter o prazer de poder, no dia d'hoje, reunir-me com elle á meza, ouvir as suas historias e rir dos seus ditos jocosos... (Mãe, está tão longe de mim!... Irmãos, ainda vivem, mas estamos todos tão dispersos uns dos outros!...) Sósinho, n'uma terra em que não tenho familia e onde poucos amigos conto, eu penso com tristeza nos dias de Natal que passei na minha infancia e sinto o coração cerrar-se-me de saudade, ao lembrar-me que jámais poderei achar-me tão alegre e contente como então me achava e sentia.

Natal da minha terra, como eu sinto immensas saudades de ti, d'aquelles bellos tempos de creança!!

Dezembro de 1909.

ALBERTINHO.

“O PRESEPIO”

O objecto do culto, da admiração, do entusiasmo, do enlevo dos petizes do meu tempo, era o velho presepio, tão ingeneo, tão profundamente infantil, tão cheio de coisas risonhas, pittorescas, festivas, inesperadas.

Era uma grande montanha de musgo, salpicada de fontes, de cascatas, de pequenos lagos, serpenteada de estradas em zig-zag e de ribeiros atravessados de pontes rusticas.

Em baixo, n'um pequeno tabernaculo cercado de luzes, estava o divino bambino, louro papudinho,

rosado como um morango, sorrindo nas palhas do seu rustico berço ao bafo quente da benigna natureza, representada pela vacca trabalhadora e pacifica e pela mulhinha de olhar suave e terno.

A santa familia contemplava em extase de amor o delicioso recém-nascido, enquanto os pastores de joelhos, lhe offerciam os seus presentes, as fructas, os frangãos, o mel e os queijos frescos.

A grande estrella de papel doirado, suspensa do tecto por um retroz invensível, guiava os tres reis magos que vinham a cavallo, descendo a encosta com as suas purpuras nos hombros e as suas corôas na cabeça. Melchior trazia o ouro, Balthazar a myrrha, e Gaspar vinha muito bom com o seu incenso dentro de um grande perfumador de familia, dos de queimar pelas casas a alfazema com assucar ou as cascas seccas das maçãs camoesas.

Atraz d'elles seguia a christandade em peso, que se figurava descendo do mais alto do monte em direcção ao tabernaculo. N'essa immensa romagem do mais encantador anacronismo, que variedade de effeitos e de contractos!

Que contentamento! que alegria! que paz d'alma! que innocencia! que bondade!

Tudo bailava em chulas populares, velhas danças mouriscas, em bailados *a la moda* ou á meia volta, em ingenuas gavotas, em finos minuetos de anquinhas e de bico de pé afiambrado.

Tudo ria, tudo cantava n'esses deliciosos magotes de festivaes romeiros de todas as idades, de todas as profissões, de todos os países, de todos os tempos!

Os cegos tocando as suas sanfonas; os pretos pulando uma sarabanda; os gallegos com a sua gaita de folle dançando o «munera»; a saloia de carapuça de bico e de saio encarnado, trazendo o cesto com ovos; o saloio com o perú, com o vitello ou o bacorinho ás costas; o aguadeiro com o barril novo; o ceifeiro com a sua foice e o seu feixe de trigo; o lenheiro carregando o cepo sagrado para a fogueira da missa do gallo; o pequeno saboyano com a sua marmota; o tocador de realejo dando á manivella do seu

instrumento; o pastor com o boi-rego ou um chibo debaixo do braço; o passarinho com as suas esparrelas e o seu alcapão com o melro dentro; a manola com o seu leque e a sua mantilha sevillhana traçada na cinta; o maioral tocando a guitarra, sentado no garrido albardão da sua mula; os gitanos entoando a seguidilha; numerosos rebanhos de perús, de patos, de frangos, de porcos e de cabritos; e muitas personagens, de variegados trajos exóticos, trazendo pandeiros, adufes e castanhetas, como nos autos pastorís, nos colloquios e nos villancicos, antigamente representados deante das lapinhas nas cathedres da idade-média.

RAMALHO ORTIGÃO.

(As Farpas, vol. 1.º 1887, pg. 81).

NATUS EST JESUS

O presepe é um exemplo!
E' um templo
Onde as palhas são altar!
Reis e povos, ricos e nobres
Com os pobres
Vinde todos adorar.

Vem dos campos a zagala,
Toda gala,
Trazer mel, trazer amor;
Traz a infancia cestos novos
Cheios d'ovos,
E cordeiros o pastor.

Toda a terra pressurosa,
Ferverosa,
Vem correndo a vêr a luz;
Mal chegados moços, velhos,
Em joelhos
Dizem gloria ao Deus Jesus!

Entram, pasmam, estremeçam,
Reconhecem
Que já reis allí não são,
Dão-lhe myrra, incenso e oiro,
E o thesoiro,
Que é melhor,—a adoração!

João de Lemos.

A ceia do Natal

A abundância era a condição única a attender. Ha vinte annos dizia-se de uma mesa: Estava cheia; hoje diz-se apenas: Estava bonita. Dispensavam-se as flores. Para recrear os olhos bastava a variedade dos pratos; para deliciar o alfato era sufficiente o perfume dos cozinheiros. Baralhavam-se as terrinas, as travessas e as taças. A luz passava d'umas ás outras como o reflexo de luar que atravessa as ondas. Era um mar agitado, amplo e alegre. De espaço a espaço, como ilha deleitosa, erguia-se a garrafa; já se sabia que se tinha de parar alli para fazer aguada. A prudencia do marinheiro está em não se demorar nos portos onde toca, de modo a atrazar a viagem. Assim observavam nossos paes á mesa. Faziam escala por todos os archipelagos de crystal, por ser vergonhoso a um marítimo não conhecer a mais insignificante ilha. Saudavam na passagem o promontorio da gallinha, a bahia do arroz, a cordilheira dos paios, o istmo do pernil, o cabo dos mexidos, os escolhos das rabanadas, e a frescura oleosa dos verdejantes oasis de grêlos que ensombravam os pequenos desertos das travessas.

Iam conhecendo o mappa palmo a palmo, vendo o mundo retalho a retalho, n'aquella noite. Corria a ceia na doce intimidade de bordo. Ria-se serenamente; fallavam todos e ouvia-se cada um. A cabeceira da mesa estava o pae com os seus cabellos nevados, radeante d'alegria. Parecia o piloto á cana do leme. Dilatava-se n'aquelle suavissimo conhego a alma dos convivas como se dilata a alma dos passageiros na contemplação do infinito. Quando a tripulação saltava em terra, quer dizer, quando pouco antes da meia noite se levantavam da mesa, iam em rancho á missa do gallo, com aquella religiosa solicitude de muitos marinheiros que vão orar á Senhora da Boa Viagem mal que descem a escada de portaló. Era uma festa! N'aquelle tempo o vinho não embriagava nem as comidas affrontavam. O estomago dilatava-se tanto como o coração..... O somno fugia amedrontado da alegre voz do gallo. Estava-se bem toda a noite e ninguém pedia amoniaco nem soda Watter. O livro da felicissima gastronomia d'aquelle tempo era digno do prologo, e levava quinze dias a lêr-se. Só no dia de Reis se virava a ultima folha. E no dia 7 de janeiro ninguém se queixava de dyspepsia!

Hoje tudo é diffente.

Os convivas introduziram os vinhos francezes porque são espuma que desce ao estomago, e que dá uma falsa alegria de momento. Todavia querem mostrar que são valentes, e arremettem contra uma garrafa de champagne, que que durante meia hora os descompõe, a ponto de se suporem a ceiar com *cacottes*. Esquecem-se de que estão á mesa com suas irmãs e com sua mãe. Até para ellas precisam de pedir emprestada a alegria ás bebidas! A' meia noite ninguém os encontra em casa; estão no botequim a tomar café, por que es sentem incommndados do estomago. A' ceia o unico que está sinceramente rinho é o pae, porque se alegra das suas recordações. Os filhos começam a falar depois que salta a primeira rolha de champagne. Não distinguem aquella ceia das ceias ordinarias; não se lembram do irmão que esta no

Brazil ou do irmão que está no cemiterio. Antigamente, se estava ausente uma pessoa da familia, punha-se-lhe o retrato na mesa

Era para que não faltasse ninguém á ceia. Hoje não se colloca o quadro para não desmauchar a symetria. Mettemos a arte em tudo; até nos lembramos de a metter entre os pratos! Para tudo ha preceitos, tudo se faz por medida. Os criados andam collocando a loiça com a *Arte de servir á mesa*, do Sr. João Matta, no bolço. Antigamente os criados não tinham compendio.

ALBERTO PIMENTEL.

(Entre o Café e o Cognac pag. 168-172)



AVE-REX

Roma acabava de embainhar o gladio victorioso, purpureado pelo sangue, inda mornó dos povos vencidos.

Epesinhada pelos filhos do Capitolio, a humanidade respirava a atmospheria da paz, d'uma paz fingida, como a civilização romana, d'uma paz amarga como o absynto que o despotismo dos Cesares dava a beber ao resto da humanidade escravizada.

O soldado, coroadado de triumphos e carregado de despojos, começára a sulcar de novo a leiva que a febre da guerra e do renome condemnára á indolencia de terras maninhas.

E as sciencias e as artes, que a Grecia mandára a Roma, haviam fugido, espavoridas, com o tinir das lanças, para o seu esconderijo de inacção, mas agora ressuscitavam, sem temer já o clangor das batalhas, erguendo templos magestosos, thermas sem rival, amphitheatros soberbos, fazendo de Roma a metropole do mundo e o imporio do commercio universal.

Os poetas cantavam a origem divina do fundador de Roma, divisavam os prazeres, deificavam a materia, e poveavam o pantheon d'uma infinidade de deuses; surge Virgilio e Ovidio, Lucrecio e Horacio, subindo, pela mão de Mecenas ao capitolio das apothoses, aureolados de flores e applausos, de lagrimas e tristezas.

Horacio, que não usava ainda o monocolo do nosso dandy parassita, passeava á tardinha nos jardins de Mecenas, comprando o copo do phalerno quotidiano pelo preço valioso das suas odes.

Lucrecio esgaravatava, nos systemas philosophicos da Grecia, todo esse *pandemonium* da sua «De rerum natura» onde versos sublimes estão ao serviço de ideias pouco nobres.

Ovidio, o mais infeliz de todos, afinava as corda da sua lyra voluptuosa e triste, enquanto ia comendo o pão negro do exilio, amassado em lagrimas de saudade da sua querida patria.

Virgilio, o bom Virgilio, esse fugia ao torvelinho de Roma para se esconder, nas soledades de Mantua; e como um rouxinol amoroso que fuge aos fulgores do sol para se esconder na balseira sombria, ahi cantava Virgilio o amor do campo, a paz do trabalho e gloria da sua patria.

A paz era completa em Roma e nos povos sujeitos ao protectorado da sua espada.

E comtudo o mundo, como um extremunhado inconsciente, convulcionava-se, erguia a fronte vincada de desventuras e os pulsos descarnados pelas ferropieas da escravidão, pregáva os olhos no Oriente, voltava as costas aos marmores divinizados e dizia: E' d'alli que ha-de surgir o filho da Virgem, *qui mittendus erit!*

Esta idéa da proxima vinda á terra do Salvador do mundo, accorda no coração de toda a humanidade, vóa como electricidade em todas as intelligencias, e renasce immediatamente a esperança semi-apagada do Messias!

Desde a miseria do escravo ao palacio de Augusto, e da Choupana do dacio á tenda do arabe toma vulto a ideia d'esta crenga no Redemptor oriental.

Todos esperam anciosos que na ampulheta dos seculos caia a ultima hora destinada a preencher a plenitude dos tempos.

Ha-de vir das regiões da aurora Quem ha-de despír os reis das suas coroas e das suas purpuras vergando-lhes os joelhos e baixando-lhes a cabeça!

Ha-de vir do oriente Quem ha-de terraplanar os relevos de todos os despotismos com a rasoira da trilogia augusta da liberdade, da egualdade e da fraternidade!

Ha-de vir, do paiz da aurora, Quem ha-de dar largas ao coração para amar, como o paganismo dera largas á paixão para preverter; ha-de vir emfim desamarrar, do pelourinho da maldição antiga, a humanidade caída n'um tumulo de abjecções!

II

Era ao morrer da tarde. Um velhinho, coberto de cans, desventuras e trabalhos, na companhia d'uma moça formosa, novel e franzina, batia a todas as portas de Belem, supplicava a todos os corações a esmola d'um cantinho que os pudesse furtar ás inclemencias d'uma noite fria e desabrida; mas desabridos e frios eram os corações dos homens!

Desabonados da protecção humana, desprezados e desconhecidos da sua tribo, fogem da cidade que os não quizera albergar, vagueiam pelos suburbios até que uma gruta cavada no coração d'um monte lhes dá conchego e agasalho.

O luar das noites do Oriente, refulgia, n'essa noite, sereno e pallido, caçando de prata as ultimas folhas das arvores, que davam assim á paysagem tons doces e indefiniveis. E as brisas nocturnas da Palestina, mornas e leves, acompanhavam os dois peregrinos, dirigindo-lhes os passos e indicando-lhes as portas agrestes do presepe onde ia nascer Jesus.

E era assim que o mundo ia receber o Redemptor!

Palacio tosco, mal abrigado, ignorado, desprezível, albergue de animaes, a servir de berço humilde ao Salvador do mundo!

Vens ter, no limiar da vida, um berço de palhas, que saudarás com lagrimas, e has-de ter no caso do teu apostolado de triumphos um madeiro de ignominias que has-de transformar n'um lábaro de civilização!

Vens desprender a humanidade do Caucaso da sua desdita e da sua culpa, e a humanidade ha-de crucificar-te e ha-de cavar-te um tumulo, que has de converter n'uma semente de ressurreições!

Vens nascer debil como a bonina do campo, e has-de ser tão

forte que abrandarás as ondas do mar!

Vens nascer captivo ás contingencias do tempo, aparecendo na terra como uma aurora, vivendo o espaço d'um dia e morrendo com a tarde, Tu que has-de libertar da culpa a humanidade, e que viveste e has-de viver fóra do tempo e dentro da eternidade!

E se vens ter a algidez d'uma gruta para te receber no proemio da vida e o abandono dos homens que vens redimir, terás os braços d'uma Mae feita de ternura, terás os carinhos d'uma Virgem, louca de amor pelo Filho que viu nascer cheia de alegria e verá morrer cheia de heroismo!

III

E os povos se congregam hoje á volta do teu berço scintillante de esperanças, e ajoelhando, como os magos, te saudam e bemdizem!

Rasgate o horisonte denegrido d'um passado de trevas e de opprobrios, para redimires as intelligencias d'essas trevas e o amor d'esses opprobrios.

Todas as nações civilizadas abençoam o teu natal, e todos os povos que estavam sentados á sombra da morte, allumiados pela luz das tuas palavras, te bradam hoje; *Ave Rex! Rei Humilde! Rei Bom! Rei Justo! Rei Deus!*

Ao prespassar da tua palavra cheia de luz e esperanças, por sobre as instituições sociaes do paganismo e por sobre o cadaver apodrecido da civilização greco-romana, as instituições oscillaram, baquearam, pulverisaram-se. — e esse cadaver, fétido como o de Lazaro, foi-se erguendo radiante de nova vida, palpitando o amor mais bello.

Galvanisaste os corações de todos os homens chamando-os á vida remodelados pela tua doutrina e pelo teu sangue; fizeste desabrochar d'esse sepulchro asqueroso do mundo antigo a flór da virtude, pela virtude, e da caridade pelo amor!

Ao sopro germinador do teu verbo sacrosanto germinou e creou raizes a arvore da civilização do mundo, que é a arvore do christianismo, a arvore da liberdade, da egualdade e da fraternidade!

Unidos ao teu nal por uma cadeia de vinte seculos, todos os christãos depõem aos teus pés de Deus e Pae, o preto das suas mais puras, mais sinceras e mais entranhadas homenagens, conglobando-as todas n'essa saudação singela: *AVE-REX*, porque és o rei de todas as intelligencias que caminham para a verdade e de todos os corações que tendem para o bem!

Ovar, 23, Dez. 909.

FREI LUCAS.



Até á ultima hora esperámos os originaes do nosso correligionario João Saraiva e do distincto collaborador da Figueira. Os atrazos dos comboios correios obrigaram-n'os a recorrer a algumas transcripções.

(A Redacção)

tas despedidas saudosas e de tantas manifestações espontaneas. Arrenegado e desgostoso, ardendo em furia contra o sr. Homem Christo, causa unica de todas as suas decepções, lá veio sua ex. arrastado pela força do vapor até a sua terra natal. Por uma illusão acustica, julgou sua ex. ouvir ao longe e ao largo da gáre ayeirense um grito de saudação ao illustre republico-dissidente; grito seguido dos de muitos outros que aguardavam sua ex. para lhe testemunharem o seu respeito e acatamento.

Nova decepção; porque não era mais que um agente de publicações, que apregoava o «Povo d'Aveiro»; seguido d'outros que vendiam «A Palavra», o «Portugal», a «Liberdade», o «Correio da Noite» e mais alguns que eram d'uma dedicação (1) extraordinaria para com sua ex. (1)

Jurando vingá-lo, lá se apeou s. ex., acompanhado de meia dúzia (se tantos) de companheiros e camaradas, dirigiu-se ao theatro Aveirense para apresentar ao publico a sua combinada, cosida e arremendada conferencia sobre a «Reacção»

Não o ouvi, porque o tempo impertinente não me deixou disfructar tão soberbo espectáculo theatral; mas, pelo que vi transcripto nos jornaes, deve ser um assombro de eloquencia e logica (1)

Atacou furiosamente o ex.º Bispo do Porto e defendeu acaloradamente o ex.º Bispo de Coimbra, esphacelando impietosamente o illustre Bispo de Beja, coveiro do seu saudoso Medeiros, que devia ser a ponte levadiça que o transportasse á posse d'uma posta, perdão, pasta ministerial.

Eis ahí a coherencia d'estes grandes discursos da monarchia e da religião (1) atacar e defender ao mesmo tempo dois membros igualmente illustres do Episcopado portuguez; não hesitando, porisso, amanhã em inverter os papeis e atacar o que defendeu e defender o que atacou. E' esta a convicção, a logica com que arangam estes palradores eminentes de S. Bento, abusando assim da ignorancia e da cobardia, de quem os esenta, muitas vezes por curiosidade e condescendencia.

Mas, além de illogico e enganador, Egas Moniz foi tambem ingrato e irrespeitoso. Sua ex.º não se lembrou de quem, sacrificando os seus interesses pecuniarios e não sei se mercaes, o elevou até o ponto de destaque que occupa na sociedade; não attendeu a quem, confiado na sua sinceridade e amizade, envidou todos os esforços para e assentar na camara dos deputados, esperando que seria sempre recia a sua carreira, justa a sua norma de proceder. Tado esqueceu só para se desferrar da «Reacção», não vendo que atacando a «Reacção» atacava e feria os seus patronos, sem os quaes não passaria hoje d'um humilde e desconhecido membro da sociedade.

Dias depois de tão funesta conferencia, fallava eu com um individuo sobre o assumpto, de que me vou occupando, quando de repente elle me dirige esta phrase: «O Egas veio a Aveiro pregar a liberdade».

Despedimo-nos. Nada mais era possivel dizer-se, nem maior elogio se podia fazer de quem a toda a hora e instante enche as bochechas com a palavra: «Liberdade, liberdade».

Vallega, 21 de Dezembro de 1999

Jospin.

BOLETIM ELEGANTE

Fez annos: no dia 20 a menina Gracinda da Motta e Pinho.
Faz no dia 30 o sr. Henrique

Araujo d'Oliveira Cardoso.

— O nosso amigo sr. Francisco Peixoto Pinto Ferreira, pae do nosso illustre director, acha-se doente, pelo que fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

== Para o Pará retirou no dia 17 o nosso querido amigo Francisco Fernandes de Souza Villas. Uma viagem feliz e que os seus negocios corram como deseja, são os nossos votos.

== Teve a sua delivrance a ex.ª sr.ª D. Maria Amelia Nataria, esposa do nosso amigo sr. Joaquim Correia Dias, dando á luz um rapagão.

Aos novos paes muitas felicitações. — Encontra-se melhor da sua doenca a estremosa mãe do nosso querido amigo e correigionario, rev. Antonio André de Lima, muito digno parochio de Esmoriz.

Estimamos. — P.º Augusto d'Oliveira Pinto, parochio de Riomeão, Feira, foi despatchado para a freguezia de S. Vicente de Pereira, Ovar.

Bôdo aos pobres da freguezia d'Ovar

Subscrição

para os pobres da freguezia d'Ovar. Os subscriptores ficam desobrigados de dar as boas festas, aos seus amigos, no Natal:

Transporte reis	3:500
P.º Antonio André de Lima	500
Maria Lopes Lyrio	200
Antonio dos Santos Esperança	200
M. M. C. V.	400
Antonio Ferreira Regalado	200

(Continua)

Secção instructiva

HISTORIA DA GEOGRAPHIA

Argonautas—Um dos mais famosos successos da antiguidade, cuja memoria chegou até nós, é a Expedição dos Argonautas, que, segundo a Mythologia, era commandada por Jason acompanhado por uma pleiade de Principes e heroes que iam a Cholchos conquistar o celebre vellocino, ou vello de Ouro que o rei da Cholchida alli fazia guardar por terriveis dragões.

Cholchos ficava no Pente Euxino (Mar Negro) na costa da Georgia de hoje; e n'aquelles tempos uma viagem da Grecia atravez das Ilhas do Egeo, Hellesponto (Dardanellos), de Propontide (Mar de Marmara) do Bosphoro até ao Phaso, ultimo ponto alcançado por Jason, era obra de animos aventureiros e corajosos.

Qual a causa d'esta expedição não é sabido ao certo, e talvez muitas concoressem para ella—o desejo de estabelecer relações com o paiz que era tido como rico e fertil, abundante em gados e de onde se conheciam finos tecidos de lã, a necessidade de conhecer todos os pontos d'aquella extensa costa, a emulação de mancebos ambiciosos, e sobre tudo o caracter dos proprios gregos são de certo outras tantas razões d'aquella empresa, que, levada ao cabo, como queriam, teve tres historiadores; um que escreveu fundando-se sobre a narração primitiva de Orpheu «o pae dos Cantos lyricos» como lhe chamou Pindaro, e que foi um dos argonautas; esta historia é porém posterior a Homero. O outro poema argonautico é de Apollonio de Rhodes, que a escreveu 220 annos antes de Christo. O terceiro é uma paraphrase d'este escripto por Valerio Flacco no fim do primeiro seculo christão.

O poema modelado pelo de Orpheu apresenta uma geographia esquisita: depois de descrever com minuciosidade e exactidão o roteiro de Jolcos, patria de Jason, até ao Phaso formando assim um verdadeiro Periphio; quando contra a volta dos Argonautas foge do verosimil, e para fallar dos povos de que havia conhecimento arrebatou o navio atravez das terras, passa pelo paiz dos Kerketes (Teherkeses), vai á foz do Tanais (Don) na Meotis (mar d'Azof) d'ahi costeia as margens do mar pernicioso (Negro), onde encontra os Gelos, Getas, os Sauromatas, etc.; atravessa o Mar Negro, ganha os mares do norte atravez dos Pactos, dos Arecios, Scythas, Hyperboreos (dos Uraes), Nomadas, Carpios, etc., até encontrar o mar pesado (Cronean) de Norte, onde navega a remo, encontrou povos phantasticos, entre elles os Macrobios que vivem cem mil annos; e entrando depois na região das brisas, evita as costas da Europa, e enfiando o Estreito de Gades volta a Jolcos pelo mar da Sardenha, golphos latinos, Ilhas de Ausonia (Italia), evitando os perigos de Charibde com o auxilio dos pilotos Phoceos de Corcyra (Corfu).

O poema orphico contem o resumo dos conhecimentos geographicos dos Gregos, divididos naturalmente em duas classes distinctas; a primeira sendo do que sabiam pelas viagens começadas pelos de Mileto para o lado do Mar Negro; a segunda do que sabiam pelas tradições das colonias accidentaes, estas corrompidas por contos e fabulas.

(Continua)

Noticias

Casamento

Consoceiu-se na terça feira da semana passada na matriz d'Ovar, a menina Emilia Magdalena Lopes, filha do nosso amigo e assignante João Antonio Lopes, com o sr. José A. D. dos Santos, natural de Avanca. Muitas prosperidades.

Moedas de 200 reis

Foi prorogado o prazo para a circulação d'estas moedas, dos anteriores reinados, até ao fim de março proximo.

O medico e o enfermo

Medico—Socego, muito socego; nadade commoções fortes nem desagradaveis; esse coração necessita socego absoluto... voltarei depois de amanhã.

Enfermo—Amanhã, não? Medico—Amanhã tenho que assistir ao enterro de trez clientes meus... (O enfermo morreu de repente).

O Borracho enfermo

Poz-se mal da borracheira o tio Ceriaco e esteve quinze dias na cama sem provar e muito menos o vinho.

Quando principiava a convalescer perguntou sua mulher ao medico se poderia tomar algum alimento solido.

Dê-lhe um pouco de gallinha assada ao meio dia e siga com os caldos cada quarto de hora. Ah!... tambem pode dar-lhe um copo de vinho.

O enfermo levantou a cabeça muito alegre e perguntou:

Diga sr. doutor, tambem cada quarto de hora?

Acção de separação

1.ª publicação

No Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima corre seus termos uma acção de separação de pessoa e bens em que é auctora Maria Amaral Guilherme Dias, tambem conhecida por Maria Rita Amaral Guilherme, proprietaria e reu seu marido Antonio Augusto Ferreira Dias, ambos residentes na rua dos Ferradores, da villa d'Ovar.

Para os efeitos do artigo 448 do Codigo do Processo Civil se passou o presente

Ovar, 15 de dezembro de 1909.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O Escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

EDITAL

Antonio Valente Compadre, recebedor do Concelho d'Ovar por Sua Magestade El-Rei que Deus Guarde, etc., etc.

Faço saber que se abre o cofre da Recebedoria deste concelho, por espaço de 30 dias, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, a começar no dia 2 e findar em 31 de janeiro de 1910, para a cobrança voluntaria das contribuições do Estado,—predial, industrial, renda de casas e sumptuaria e decima de juros.

Nas contribuições predial e industrial os contribuintes poderão pagar os seus conhecimentos por inteiro ou em duas prestações, sendo a 1.ª em janeiro, a 2.ª em julho ou ainda, quando tenham sido presentes na repartição de fazenda as competentes declarações, em quatro prestações trimestraes cobráveis nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro de 1910, n'este caso conseedar-se-hão vencidas todas as prestações logo que deixem de ser pagas duas nos prazos legaes.

Findo o prazo acima marcado para o pagamento das contribuições, proceder-se-ha immediatamente ao seu relaxe, ficando sujeitos a pagar 3 por cento de juro no 1.º mez e mais 1/2 por cento em todos os mezes seguintes até ao pagamento, calculos sobre a importancia das collectas.

E para que chegue ao conhecimento de todos mando affixar o presente edital nos logares mais publicos e do costume.

Recebedoria do concelho de Ovar, em 16 de dezembro de 1909

O Recebedor

Antonio Valente Compadre

TELHA DE OVAR

(4)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª 21\$000 — 2.ª 16\$000 — 3.ª 13\$500 reis

Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.ª

Uma visita á (2)
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29

—* ESPINHO *—

Todos os trabalhos photographicos
Retratos em porcellana
Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim
Miniaturas a oleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica de cartomagem photographica moderna.
Implicações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.

Preços sem competencia

ESPIGARDAS DE CAÇA (3)
E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta vende.

Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pom-bos—Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Yarno»
Sarveteiras
etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Parça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações dificeis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, oca-ha de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

478—Rua de Santo Antonio—480

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

Vidrarria S. Bento (6)

— de —

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Almeida Garrett, 20

—* PORTO *—

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

(8) Histogeno Llopis Unicomedicamento ado-

tiado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericor-pa de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.ª, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Mousinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.º

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

MARQUES & ARAUJO

= LIMITADA =

—* Vendas por junto e a retalho. *—

Rua de S. João n.º 44 a 45—PORTO (Telephone n.º 616)

(10) DENTISTA MECHANICO

Candido Henriques da Silva

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanizada. Trabalhos garantidos e perfeitos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar

AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR N.º 114 A 134
—VILLA NOVA DE GAYA—

BEVEZAS



Teleph one, 279

Endereço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar
Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos (7)